

**Mulher, por que choras? As feridas das filhas de Deus**

*Mujer, ¿por qué lloras? Las heridas de las hijas de Dios*

Zoraide Santos Vieira

Naly Silva Ladeia

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)**

Itapetinga - Bahia

Victor Hugo Perez Gallo

**Universidad Internacional de la Rioja (UNIR)**

La Rioja- Espanha

**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo desvelar questões de gênero e poder, domínio do masculino em detrimento do feminino naturalizado nas falas de mulheres evangélicas. Trata-se de um estudo de caso, que se utilizou de uma atividade do projeto de extensão Quebrando Silêncio: Violência Contra Mulher, a Roda de Conversa com as Minas. Neste caso em específico, a Roda de Conversa fora realizado com 21 mulheres evangélicas, de denominações diversas. Os resultados analisados revelam a violência velada, naturalização de diversos tipos de violência e que a postura conservadora, de controle e dominação exercida em nome religião sobre as mulheres, entendendo-as como sujeitas submissas às regras do poder patriarcal, favorece a manutenção e a reprodução de violências.

**Palavras-chave:** Patriarcado; Religião; Violência Contra Mulher.

**Resumen**

Este artículo pretende develar cuestiones de género y poder, predominio de lo masculino en detrimento de lo femenino naturalizado en los discursos de las mujeres evangélicas. Este es un estudio de caso, que utilizó una actividad del proyecto de extensión Quebrando Silêncio: Violencia contra la mujer, la Roda de Conversa com as Minas. En este caso específico, el Círculo de Conversación se llevó a cabo con 21 mujeres evangélicas, de diferentes denominaciones. Los resultados analizados revelan violencia velada, naturalización de diferentes tipos de violencia y que la postura conservadora de control y dominación que ejerce la religión sobre las mujeres, entendiéndolas como sujetos sumisos a las reglas del poder patriarcal, favorece el mantenimiento y reproducción de la violencia.

**Palabras clave:** Patriarcado; Religión; La violencia contra las mujeres.

## **1. Introdução**

A violência contra as mulheres (VCM), apesar dos esforços das lutas feministas, permanece como um grave problema de saúde pública e uma infeliz realidade no Brasil e no mundo. Por incrível que possa parecer, a recorrência em que estas violências acontecem corroboram para sua invisibilidade, não apenas no imaginário social, mas até mesmo no imaginário destas mulheres (BARSTED, 2016).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece que a VCM é problema de saúde pública, que exige dos governos políticas públicas eficientes para enfrentamento deste grave fenômeno o qual é resultado das relações de poder, domínio do masculino em detrimento do feminino. Bunch (1991) esclarece que as relações políticas de poder na família, no trabalho e em todas as esferas públicas são estabelecidas a partir da violência dirigida à mulher.

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher conceitua VCM como sendo “todo ato baseado no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher tanto na esfera pública como privada” (OEA, 1994). Portanto, qualquer atitude que promova dano à mulher em relação à sua condição de sujeito de direitos, tentativa de minimizá-la, silenciá-la, subordiná-la ou invisibilizá-la em quaisquer esferas da sociedade é VCM e precisa ser enfrentado.

A VCM é uma violação dos Direitos Humanos e o seu enfrentamento necessita ser constante e incansavelmente mantido, só assim é possível quebrar o silêncio vigente, garantindo o direito à voz e dignidade a mulheres que sofrem este tipo de violência.

Durante muitas décadas, a mulher vem sendo mantida numa posição de submissão e desigualdade, favorecendo assim uma espécie de empoderamento dos homens em relação às mulheres e as mantendo numa situação sinistra, enquanto objeto em serviço do prazer masculino, sujeita ao comando deste e a todo tipo de violência, desrespeito e arbitrariedades.

O presente artigo, tomando por referência uma atividade/ação, realizada através do projeto de extensão Quebrando Silêncio: Violência Contra Mulher traz como objetivo geral: Desvelar questões de gênero e poder, domínio do masculino em detrimento do feminino naturalizado nas falas das mulheres evangélicas participantes da Roda de Conversa. Objetivos específicos: traçar um perfil das mulheres participantes do estudo; investigar os discursos religiosos sobre o papel da mulher na família; identificar o significado de submissão emergido na execução da roda de conversa; destacar os principais tipos de VCM, identificados quando da execução da atividade.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, descritiva do tipo estudo de caso. Conforme Patton (2002), o estudo de caso reúne dados detalhados e ordenados sobre determinado tema, uma metodologia que evidencia o contexto e que permite interpretação, tanto da perspectiva dos participantes quanto do investigador frente ao objeto de estudo (FONSECA, 2002).

## **2. Metodologia**

O procedimento metodológico utilizado neste trabalho foi o estudo de caso porque, conforme relata Alves-Mazzotti (2006), é uma investigação que pode ser feita em unidade específica, num dado contexto e que pode utilizar-se de múltiplas fontes de dados, permitindo assim ofertar uma visão holística de um dado fenômeno.

Neste estudo, utilizou-se uma atividade do projeto de extensão Quebrando Silêncio: Violência Contra Mulher, a Roda de Conversa com as Minas. Neste caso em específico, a Roda de Conversa fora realizada com mulheres evangélicas, de denominações diversas.

Acredita-se que a importância de discutir a temática VCM neste espaço em específico se dá por considerar o protagonismo da mulher na sociedade e seu empoderamento, mesmo diante de um domínio emocional, cognitivo, psicológico e físico historicamente construído em nome da religião. Este estudo se mostra necessário frente à carência de produções científicas no contexto religioso e o lugar que as mulheres estão ocupando neles.

Além disso, nas falas das mulheres participantes deste estudo, ficou claro que não encontram espaço de diálogo ou debates para que possam identificar e se posicionar diante de casos de possíveis violências, e que, na maioria das vezes, nem têm consciência de que estão sendo minimizadas e violentadas somente pelo fato de serem mulheres, evidenciando inclusive a cegueira quanto às relações de poder estabelecidas nas suas relações sociais, com seus pares íntimos.

As rodas de conversas são espaços coletivos usados para a discussão e a reflexão sobre diversos temas, em nosso caso, o tema trabalhado foi VCM. Importante destacar que, nesta atividade, para melhor delimitar o momento de fala de cada mulher, os mediadores, tomando por base o relato de Boyes-Watson (2011, p. 36), “um objeto, chamado de objeto da palavra, que é passado de pessoa para pessoa, a fim de regular o fluxo do diálogo (quem fala e quando)”, estabeleceram que este objeto de fala seria uma caixinha com perguntas

recortadas e cada participante deveria retirar um papel de dentro desta, responder à questão e passar a caixinha para a seguinte.

Entretanto, percebeu-se que algumas das participantes demonstraram se sentirem desconfortáveis com esta técnica, talvez porque nem todas estavam dispostas a falar, portanto não seria obtido êxito se assim o processo continuasse. Frente ao constatado, resolveu-se que, para melhor manutenção das discussões, seria mais interessante alterar a técnica. Desta maneira, estabeleceu-se que, para falar, apenas necessitaria erguer uma das mãos. E assim se procedeu durante toda a atividade.

Cada participante assinou um termo livre esclarecido, em consonância com os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos. Os dados foram coletados através de observação direta da participação de cada mulher, além de um questionário de pesquisa. Para fins de garantir o anonimato, cada mulher deste estudo foi identificada com nome bíblico feminino, a saber: Abigail, Ada, Ana, Atália, Berenice, Betânia, Débora, Esther, Hagar, Hanna, Isabel, Judite, Lídia, Mara, Maria, Noemi, Raabe, Rebeca, Rute, Sara, Zilá.

### **3. Resultados e Discussões**

Para maiores esclarecimentos, acredita-se ser importante falar o que é o projeto Quebrando Silêncio: Violência Contra Mulher. Trata-se de um projeto de extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), aprovado pelo edital Proex 018/2022 de bolsa de extensão, ligado ao Departamento de Ciências Humanas Educação e Linguagem, pertencente ao grupo de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) “Vida de Mulher: Grupo de Pesquisas Interdisciplinares”, ambos sob coordenação de um dos autores.

O Quebrando Silêncio, planejou, dentre muitas atividades, a Roda de Conversa com as Minas, atividade prevista para ocorrer com diversos públicos femininos. Esta ação em específico foi direcionada para mulheres evangélicas.

A atividade aconteceu no dia 18 de outubro de 2022, em espaço extra-muros da universidade, sendo este o salão de uma congregação de igreja evangélica num bairro periférico da cidade onde vinte e uma mulheres evangélicas participaram.

O perfil das participantes foi: Em relação à faixa etária, tinham entre 37 e 84 anos; em relação à escolaridade: três mulheres (14,28%) tinham ensino básico incompleto; doze (57,14%), ensino médio completo; cinco (23,8%), ensino superior completo; e, uma (4,76%) era pós-graduada. Quanto ao estado civil, dezenove mulheres (80%) eram casadas, três (20%)

solteiras; dentre as mulheres casadas (19), o tempo mínimo de convivência foi de 6 anos (5,2%), 8 a 12 anos (21,05%), de 19 a 25 anos (36,84%), de 26 a 35 anos (15,8%), de 40 a mais (21,05%). A média de tempo dos casamentos foi de 25,42 anos, tal resultado destoava do apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), que aponta que o tempo médio entre a data do casamento e a data da sentença ou escritura do divórcio de 13,8, em 2019.

Os casamentos por longos tempos entre evangélicos podem ter suas origens no posicionamento da igreja demonstrado em muitos documentos. Dentre estes, pode-se citar duas principais fontes escritas: os evangelhos no Novo Testamento e as cartas de São Paulo. Na antiguidade o casamento era tido como um dever cívico, mas, por influência do cristianismo, passou a ser considerado como um sacramento.

Numa pesquisa conduzida por Garcia e Maciel (2008), os entrevistados atribuíram a maior duração dos casamentos entre evangélicos ao fato de ambos terem a mesma fé (crença nos mesmos ensinamentos) e mesma “visão” (mesma concepção sobre o que é o casamento) de que o casamento é uma instituição divina. Este argumento é baseado na fala de Jesus Cristo, descrita em Mateus 19:6 “[...] O que Deus ajuntou, não o separe o homem” (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1.483), portanto o casamento é indissolúvel.

Outro texto, ainda no evangelho de Mateus, confirma a indissolubilidade do casamento, entretanto estabelece também a cláusula da exceção: Jesus Cristo disse: “[...] eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz com que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério” – Mateus 5: 31-32 (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1.453).

Este posicionamento supostamente conservador assumido por Jesus Cristo espantou muitos a tal ponto de chegarem a afirmar que, se assim fosse, seria melhor não se casar, pois quem iria querer ser obrigado a viver por toda a vida, contra a sua vontade? Ressalta-se porém, que a resposta apresentada por Jesus consistia em uma responsabilização do homem com relação à forma ideal e justa com a qual deveria tratar a sua esposa, mesmo dentro de um contexto social e cultural extremamente machista, no qual a mulher nem mesmo fazia parte da contagem entre as pessoas, como visto em Mateus 15:38: “Os que comeram foram quatro mil homens, sem contar as mulheres e as crianças” (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1.477)

## *Mulher, por que choras? As feridas das filhas de Deus*

Para reforçar um pouco mais o argumento sobre a duração do casamento, Paulo diz, em sua carta aos Romanos 7:2-3 :

Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias. (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1.727 ).

Vale destacar que este verso está direcionado à mulher, não ao casal. Poderíamos dizer que este versículo é o inspirador para a fala do sacerdote no momento das núpcias: “até que a morte os separe”. Esta frase perde seu sentido romântico e passa a ser uma sentença de condenação para uma vida inteira. Pois, independente do que ocorre no relacionamento, este casamento tem que ser mantido, encerrando-se apenas com a morte de um dos parceiros.

Para fins de contextualização e esclarecimento, no versículo citado acima, Paulo fez uma comparação da igreja de Cristo com o casamento, moldado conforme as leis da época, quando o direito da mulher não podia ser semelhantes ao homem, tal qual se requiere nos dias atuais. Nota-se, portanto, a interpretação adequada aos interesses daqueles que exercem o poder sobre as partes. Conforme Cronin (2002), em seus Estudos da Interpretação, os intérpretes de uma tradução são definidos por um posicionamento hierárquico de poder, enfatizando que o “problema central da tradução em geral e da interpretação em particular é o problema do controle” (CRONIN, 2002, 392).

Os estudos de Gallo e Vieira (2022 p, 2) evidenciaram que:

[...] las relaciones de violencia dentro de la pareja ocurren en una dimensión donde están presentes las desiguales relaciones de poder y el ejercicio metódico de la violencia como aparato de control por parte de muchos hombres que son sus parejas.

O que se pode constatar é que os dogmas religiosos preconizam a manutenção de um modelo patriarcal de família, chefiada pelo masculino, tendo filhos, filhas e esposas sob seu comando e lhe devendo obediência (TOMITA, 2004), corroborando para a invisibilidade da mulher e de seus direitos, favorecendo a existência e a permanência de diversos tipos de violência nos relacionamentos familiares. Krob (2014, p. 210) defende que “as mulheres estão submetidas a uma violência simbólica tão incrustada na sociedade, que muitas vezes nem percebem o que acontece”.

Utilizamos a noção de violência simbólica desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu,

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado é impelido a conceder ao dominante e, portanto, à dominação, porque os recursos e os instrumentos de que dispõe para pensar sua relação com o dominante são os mesmos para ambos, resultantes da relação de dominação, que esconde o caráter arbitrário desta forma de poder (BOURDIEU, 2014, p. 46).

Ou seja, para existir o poder simbólico, faz-se necessária a colaboração dos que lhe são subordinados. Para Bourdieu (1996, p.8), “a dominação simbólica [deve ser vista] como dominação sofrida sob pressão e, ao mesmo tempo, aceita através do reconhecimento ou da obediência”.

### **3.1 A Maldição de Eva: As feridas das filhas de Deus**

A VCM encontra-se presente em diversos períodos de história recente da mulher. Um dos momentos mais cruéis contra mulheres foi a caça às bruxas, orquestrada pela igreja, em nome de Deus. Milhares de mulheres foram torturadas, violentadas e queimadas em fogueiras. Os torturadores procuravam qualquer sinal de pacto com demônios. Quando não confessavam, também era tido como importante prova de bruxaria, já que para eles a suposta inferioridade biológica das mulheres não permitiria tanta resistência, a não ser que recebessem auxílio do mal (TATMAN, 2006).

Na história atual, as mulheres vêm alcançando seu lugar “ao sol”, entretanto, a violência sobre seus corpos continua alçando números alarmantes. Falar de VCM em espaços religiosos não se configura uma tarefa fácil, visto que o imaginário popular acostumou-se a associar a religião com paz, fraternidade, amor e proteção. Tendo, portanto, muitos tabus a serem superados, considerando o perfil estrutural pautado nas perspectivas patriarcais. Conforme Cunha:

O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador(es) e dominado(s) (CUNHA, 2014, p. 154).

A estudiosa Mary Grey faz uma pontuação bastante acurada num texto, que aborda a relação da religião e da VCM, no qual afirma que:

## *Mulher, por que choras? As feridas das filhas de Deus*

É necessário ver ou considerar como uma das causas da violência na família o facto de todas as religiões apresentarem as mulheres na escritura e na tradição como se não fossem sujeitos humanos completos, mas apenas sujeitos subordinados, enquanto propriedade dos seus maridos ou pais. As mulheres, enquanto propriedade dos homens, ficam indefesas face aos maus-tratos ou face a assassinatos relacionados com os dotes (GRAY,1997, p. 504).

As questões de gênero vêm sendo utilizada para justificar poder bem como para demarcar as diferenças entre homens e mulheres (VIEIRA, *et al*,2022).

O discurso que coloca a mulher em posição de inferioridade ao homem foi desenvolvido durante séculos e sendo reestabelecido ao longo dos anos devido a existência de uma cultura de desigualdade, que subjuga a mulher como um ser dominado pelo homem e responsável, exclusivamente, pelas atividades domésticas e o cuidado dos filhos. (VIEIRA, *et al*, 2020 p. 7)

“Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, pois ele é o cabeça da mulher” – Efésios 5:22-23 (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1.804). Este foi o texto com o qual a Roda de Conversa foi iniciada. O objetivo foi discutir o significado de submissão. Observou-se, no contexto das discussões, que as mulheres em suas falas demonstram enxergar que existe sim posição de submissão ao marido e a líderes religioso, assim como a preservação dos lugares de poder centrado na figura masculina, que coloca a mulher numa posição de inferioridade, de minoria e subalternidade, caladas, e naturalizado seu papel de subserviência.

Tais observações podem ser corroboradas com o que o apóstolo Paulo defende, em sua primeira carta a Timóteo: “A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio” – I Timóteo 2: 11-12 (BÍBLIA SAGRADA , 2015 , p. 1.831).

Versículos como estes, interpretados de maneira isoladas, podem contribuir para perpetuação do poderio masculino, o qual, em nome da fé, é utilizado pelos maridos para atacarem e humilharem suas esposas. Nossas participantes, informaram que, já foram xingadas e chantageadas, já foram empurradas ou tiveram os cabelos puxados. As mesmas justificaram que tais eventos são atípicos, sendo explicados como “um acesso de raiva, ele não é assim mas, quando está irritado, chateado, ele acaba explodindo” (Ada) ou veem como “isso faz parte, é normal no casamento” visto que “a mulher precisa ser sábia para edificar sua casa” (Sara). Essas falas refletem uma grotesca distorção de fé, jamais ensinada por Jesus.

Nas palavras citadas acima, é possível perceber um tipo de violência conhecida como violência velada, para a qual, em nosso estudo, usamos a definição conforme Krob (2017, p. 17),

Violência velada é aquela que se faz presente e ao mesmo tempo não se nomeia e não se acusa. É tida como natural, normal, cotidiana e corriqueira. Fica no imaginário do “é assim que as coisas são” e vai se estabelecendo, se enraizando. É silenciosa, pois aquilo que não causa estranheza e não se enuncia, também não é denunciado.

Estas mulheres desconhecem a desnaturalidade das agressões (violências) que sofrem e as vislumbram enquanto natural; talvez não percebam que estão sendo agredidas, menosprezadas e humilhadas. Nas narrativas das partícipes da roda de conversa, foi possível perceber o medo das ameaças e chantagens feitas por muitos companheiros: “vou te devolver a seus pais [...]” (Noemi) ou “uma hora dessas vou contar na igreja que você está destruindo nosso casamento, você é uma mulher tola” (Sara).

“Mulher tola”, expressão utilizada por algumas das partícipes, diz respeito ao texto de Provérbios 14.1: “A mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola, com as próprias mãos, a derruba” (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1.008). É um rótulo que atribui à mulher a responsabilidade pelo fracasso de seu casamento ou de sua família. Com medo de serem rotuladas como “tolas”, muitas mulheres aceitam o abuso, não denunciam e optam por viver numa condição subalterna.

Vilhena (2017) esclarece que, em suas pesquisas, 40% das mulheres que sofreram agressões físicas ou verbais eram evangélicas. A autora diz acreditar que tais números possam ser ainda maiores visto que, por vergonha ou medo de constranger seu algoz e/ou serem julgadas por membros da comunidade cristã como sendo uma mulher sem fé, insubmissa e rebelde, geralmente elas se calam, aceitam e não denunciam.

Santos (2019) afirma que a religião e a teologia cristã contribuíram de maneira expressiva na elaboração e manutenção do sistema patriarcal de opressão, subjugação feminina e hierarquização dos gêneros. Os discursos religiosos validam a dominação masculina e colaboram para o controle de atitudes e comportamentos humanos (BOURDIEU, 2014), contribuindo para o aumento da violência doméstica, a qual, por diversas vezes, legitimam as práticas misóginas, através do discurso: “esta é a vontade de Deus”<sup>1</sup>.

## *Mulher, por que choras? As feridas das filhas de Deus*

Justificando assim que todo sofrimento feminino precisa ser suportado, pois Cristo sofreu muito mais.

Da mesma forma que a afirmação de que o sacrifício é o caminho para a salvação, o discurso da “vontade de Deus” para justificar e legitimar determinadas práticas e atitudes é outro fator que tanto contribui para manter as mulheres submetidas à agressão e à naturalização da violência e sua reprodução (CITELI, NUNES 2010, p.6).

Durante as discussões da roda de conversa, apesar de algumas mulheres falarem que: “ser submissa não quer dizer ser capacho” (Betânia), “ser submissa não é estar debaixo ou sob a autoridade do marido” (Lídia), no decorrer das falas, ficou evidenciado que a ideia naturalizada entre elas era do marido enquanto o cabeça da família, portanto este sempre teria a palavra final nas decisões de casa. O texto bíblico contido em Efésios 5.22-24 esclarece que

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, “porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido” (BÍBLIA SAGRADA, 2015 p. 1804).

Perspectivas como estas têm importante significação nas sociedades religiosas, levando as mulheres ao que Lemos e Souza (2009) denominam de permissão resignada da violência.

Conforme Gimenez e Angelin (2017), em toda história da humanidade, os corpos das mulheres vêm sendo “domesticados” e/ou “encarcerados”, predispondo as mulheres aos diversos tipos de violência, todos com uma característica em comum: a força de relações patriarcais de poder, sustentadas por aspectos culturais e religiosos. Afinal, sofrer faz parte do ser mulher: “As religiões patriarcais tendem a legitimar a subserviência das mulheres associando-as ao mal, ao desviante, à desordem e à fraqueza moral, deixando-as à mercê de punições apregoadas como naturais” (CITELI, NUNES, 2010, p. 6).

A religião orienta que as mulheres devem ter uma postura submissa, obediente e passiva; os textos bíblicos e discursos de religiosos apresentam interpretações discriminatórias e sexistas da igreja em relação às mulheres; é possível inferir que a religião se torna cúmplice da reprodução e manutenção dos mais diversos tipos de VCM.

Muitos tipos de violência foram identificados dentre as mulheres do estudo, entretanto, uma frase esteve sempre presente nos discursos de todas: “precisamos esperar em Deus”; outra frase também observada para justificar atitudes violentas de seus companheiros e que ao mesmo tempo transferia a culpa da agressão foi: “é o diabo fazendo seu marido beber, é o diabo fazendo seu marido trair” (Raabe); orar para que estas situações mudem é tarefa da mulher e, quando a situação não muda é porque está orando pouco, ou fazendo algo errado. Ou seja, o agressor passa a ser vítima. Concordamos com Vilhena (2017) quando afirma que,

Quando essa mulher vai procurar o seu pastor para dizer que ela está sofrendo violência, normalmente ela não recebe apoio, o pastor aconselha mais submissão, em nome de Deus: ‘seja sábia, fique calada, não enfrente’. A questão da interpretação, da hermenêutica da teologia, acaba fortalecendo ainda mais esse quadro de violência contra as mulheres no meio evangélico, porque a teologia que é passada é a da obediência ao marido. Normalmente, essas mulheres acabam culpando o satanás, o inimigo, o diabo, algo externo. Elas não conseguem olhar para a própria relação de violência que vivem (VILHENA, 2017, n.p.).

Chama-se a atenção mais uma vez para a violência simbólica, enraizada na sociedade e despercebida no cotidiano. Algumas vezes esta violência se encontra disfarçada com o nome de liberdade feminina, mas que na verdade submete a mulher a uma dupla ou tripla jornada de trabalho. Como se trabalhar fora de casa fosse uma concessão, uma permissão dada à mulher, entretanto, ao voltar para casa é obrigada a cumprir seus “deveres”, não importando a que custo.

Não obstante todas estas diferenças que tornam a vida de mulher mais ou menos difícil, a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é imputada ao elemento feminino. Torna-se, pois, clara a atribuição, por parte da sociedade, do espaço doméstico, à mulher (SAFFIOTI, 1987, p. 9).

Castro e Lavinias (1992) relatam que o patriarcado não apenas defende a dominação enquanto ideologia, mas também enquanto forma de exploração, concordando com Saffioti (2004, p. 44), que diz que o patriarcado é um “regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens”. Uma cultura machista que regula e normatiza os papéis de homens e mulheres.

As mulheres deste estudo referiram assumir seus afazeres domésticos, algumas em tempo integral e outras acumulavam as atividades do trabalho fora de casa com as atividades

## *Mulher, por que choras? As feridas das filhas de Deus*

domésticas; apenas uma delas informou que contava com a colaboração do seu companheiro. As demais citaram que: “estou cansada, trabalho fora de casa e, quando chego em casa, está tudo sem fazer” (Abigail), “quando chego em casa preciso fazer o almoço correndo porque, se meu marido chega e não tem comida pronta, ele fica irritado, diz que eu tenho que dar meu jeito” (Sara).

No contexto das falas anteriores, a presença da violência simbólica é evidente e as mulheres nem questionam que os seus companheiros deveriam auxiliar nos afazeres domésticos. Acredita-se que esta violência, presente nos discursos acima, possa transformar-se em outro tipo de violência quando, devido ao trabalho fora de casa, a mulher não conseguir dar conta de suas obrigações domésticas com maestria e perfeição, este é o preço que se paga, conforme afirma Roese (2008, p. 182):

O fato de a mulher haver saído para o mundo público do trabalho é a cena do fruto proibido que ela come. Diariamente ela desobedece, e segue os conselhos da serpente. A sutileza do discurso dirá que ela não ficará sem o castigo.

Outro tipo de violência vivenciado por algumas das mulheres participantes deste estudo foi a violência sexual. Quando perguntadas se todas as relações sexuais ocorriam com seus consentimentos e/ou desejo, 80% responderam que, por motivos diversos (estar menstruada, cansada, doloridas, sem ânimo, doentes entre outras), por vezes não queriam manter relações sexuais. Uma destas mulheres deu a seguinte resposta: “eu não posso reclamar porque meu corpo não me pertence” (Betânia), resposta dada como alusão ao I Coríntios 7:4a “a esposa não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido [...]” (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1752).

Ressalta-se que o texto continua apresentando a relação inversa: “[...] Assim também o marido não manda no seu próprio corpo; quem manda é a sua esposa.” I Coríntios 7:4b (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1753). Porém, este trecho é suprimido em todo e qualquer contexto de orientação dogmática referente à relação dentro do casamento, submetendo a mulher à posição inferiorizada de servir e obedecer, enquanto que ao marido não lhe é atribuída nenhuma responsabilidade a não ser a de ser o líder, o senhor, o dominador, o qual tem direito a quaisquer atitudes deliberadas e opressoras em detrimento dos direitos da esposa.

Além da submissão dos seus corpos ao marido, justificaram que mantinham relações sexuais mesmo sem vontade para que seus cônjuges não buscassem “outra na rua” (Zila, Noemi, Lídia, Abigail, Betânia, Hanna, Ester). O sexo enquanto dever e missão também foram citados: “o sexo é dever e negligenciar a esta missão é dar brecha para que o inimigo entre no casamento” (Mara). Em I Coríntios 7:5, lemos: “Não vos priveis um ao outro, salvo [...] para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência” (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 1753).

Os tipos de violências sempre vêm acompanhados (SAFFIOTI, 2015) e, neste caso, percebeu-se que a violência sexual foi precedida pela psicológica. Algumas citações das pesquisadas revelaram esta faceta: “se eu não tenho em casa, vou procurar na rua” (Ester), “depois eu procuro na rua e você fica aí chorando a perda” (Isabel), “o homem tem necessidades, se a mulher não atende, ele procura quem faz” (Rebeca), “o diabo está esperando isso mesmo, você está me colocando na prova” (Hanna). Estas são apenas algumas das diversas citações.

Saffioti (1999, p. 84) alerta que, no caso da VCM, o desafio de estabelecer os limites entre os diversos tipos de violências está na naturalização da “[...] obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens sejam pais ou maridos.”

Conforme advogam Vieira e Radl- Philipp (2022, p. 10), “vivemos numa sociedade cujo peso da herança patriarcal ainda é muito presente”. As relações sociais se estabelecem enquanto territórios de lutas em busca de direitos à igualdade de gênero. Neste embate fica cada vez mais evidente a posição de fragilidade da mulher e sua infeliz exposição à violências das mais diversas e perversas.

#### **4. Considerações finais**

Esse artigo propôs, como objetivo geral, desvelar questões de gênero e poder, domínio do masculino em detrimento do feminino naturalizadas nas falas das mulheres evangélicas participantes da Roda de Conversa promovida pelo projeto de extensão Quebrando Silêncio: Violência Contra Mulher, da UESB, campus de Itapetinga.

Por ser um estudo de caso, o público participante representa um recorte ainda pequeno do universo religioso como um todo, entretanto, em se tratando de VCM em meio religioso, os dados obtidos reafirmam a sua condição de violência velada.

## *Mulher, por que choras? As feridas das filhas de Deus*

Em nosso caso de estudo, através das análises dos dados, foi possível constatar que, no ambiente eclesial, existem mulheres vítimas de violência, que esta violência encontra-se naturalizada nas estruturas machistas presentes na hierarquia da igreja, mantidas sob uma hermenêutica equivocada das escrituras as quais, utilizadas fora do contexto, favorecem a manutenção da violência.

O crime é espiritualizado através de textos das escrituras sagradas que têm por base o modelo patriarcal e as mulheres aconselhadas a esperarem em Deus que seus companheiros sejam regenerados. Para Vilhena (2011, p.46), “a aceitação da violência, seja pelo viés que for, é assumir uma posição fatalista da falta de alternativa de uma sociedade machista”.

No estudo também foi possível averiguar que a submissão é imposta à mulher, sendo justificada como uma virtude a qual toda boa mulher deve se esforçar para alcançar. A mulher que não aceita ser submissa é penalizada e atrelada à posição de pecadora, considerada como Mulher Tola.

Este estudo reconhece a existência de uma importante e desafiadora ambiguidade no discurso religioso, a primeira quando a religião aconselha o silêncio e a submissão que oprime a mulher e a segunda quando estabelece o discurso de libertação, o qual precisa de fato libertar essas mulheres que vivem entre o amor e o sofrimento.

Os principais tipos de violência vivenciados pelas mulheres em nosso estudo foram as violências velada, simbólica, psicológica, física e a violência sexual. Os traumas advindos destas violências não são superados de maneira fácil, principalmente porque a mulher continua convivendo com seu algoz; sem voz ativa, sem coragem para denunciar ou se expor. Formando feridas na alma, as quais nem sempre são curadas.

O estudo revela que se faz necessário mais aprofundamento e aberturas de espaços de discussão de forma a ampliar a compreensão sobre a temática, uma vez que as imposições patriarcais já não deveriam caber mais na sociedade contemporânea, sendo importante o acesso da informação para que as mulheres evangélicas possam se empoderar e romper com o ciclo de violência que, por vezes, encontram-se imersas e nem ao menos se percebem assim.

### **Referências**

ALVES-MAZZOTTI, A.J. Usos e Abusos dos Estudos de Caso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

BARSTED, Leila L. O feminismo e o enfrentamento da violência contra as mulheres no Brasil. In: SARDENBERG, C. M. B., TAVARES, M. S. (org.). **Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento**. Salvador: EDUFBA, p. 2016. 335. Coleção bahianas. v. 19

BERGESCH, Karen. **A dinâmica do poder na relação de violência doméstica: desafios para o aconselhamento pastoral**. São Leopoldo: Sinodal, 2006

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia** - Traduzida por João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2015

BOYES-WATSON, Carolyn. **No coração da esperança: guia de práticas circulares: o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis**. Edição brasileira: Justiça para o século 21. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed. Bertrand Brasil, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BUNCH, C. Hacia una revisión de los Derechos Humanos. In: BUNSTER, X.; ENLOE, C.; RODRIGUES, R. (org.). **La mujer ausente: derechos humanos en el mundo**. Santiago: Isis Internacional, 1991

CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.

CITELI, Maria Teresa; NUNES, Maria José F. Rosado. Violência simbólica: a outra face das religiões. **Cadernos Católicos Pelo Direito de Decidir**. v./n. 14. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2010.

CRONIN, M. The empire talks back: Orality, heteronomy and the cultural turn in interpreting studies. In: PÖCHHACKER, F.; SHLESINGER, M. (orgs.). **The Interpreting Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2002. p. 387-397.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GALLO, Victor Hugo Perez; VIEIRA, Zoraide Santos. Masculinidad hegemónica, prácticas sociales de violencia de género y educación: estudio de casos múltiples en zaragoza. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**. v. 3, n. 9, p. 1-27, jul./set. 2022.

GARCIA, A.; MACIEL, M. G. A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. **Psicologia: Teoria e Prática**, (10)1, 95- 112, 2008.

*Mulher, por que choras? As feridas das filhas de Deus*

GIMENEZ, Charlise P. C.; ANGELIN, Rosângela. O conflito entre direitos humanos, cultura e religião sob a perspectiva do estupro contra mulheres no Brasil. **Revista Direito em Debate**. Ano XXVI nº 47, jan.-jun. 2017

GREY, Mary, “Weint nicht über mich; weint über euch und eure Kinder!” Religion und die Überwindung von Gewalt gegen Frauen”, in **Concilium. Internationale Zeitschrift für Theologie**, 33/4, 503-510, 1997.

IBGE. **Casamentos reduzem pelo quarto ano seguido e passam a durar menos tempo**. Disponível: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29647-casamentos-reduzem-pelo-quarto-ano-seguido-e-passam-a-durar-menos-tempo>. Acesso em: 10 jul. 2020.

KROB, Daniéli B. **Violência contra mulheres e ações de enfrentamento de igrejas: um estudo de caso**. 2017. 179 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós Graduação. Faculdades EST, São Leopoldo, 2017.

KROB, Daniéli B. A Igreja e a Violência Doméstica Contra as Mulheres. **Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST**. São Leopoldo: EST, v. 2, p. 208-216, 2014.

LEMOS, Carolina T.; SOUZA, Sandra D. de. **A Casa, as Mulheres e a Igreja: gênero e religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (OEA). **Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher** - convenção De Belém Do Pará. 1994. Disponível em: <http://www.oas.org/juridico/portuguese/treaties/a-61.htm>. Acesso em: 20 nov. 2022

PATTON, M. G. **Qualitative Research and Evaluation Methods**, 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.

ROESE, Anete. A subjetividade do discurso patriarcal sobre o lugar da mulher e da natureza: uma leitura ecofeminista. In: OLIVEIRA, Pedro A. R.de; SOUZA, José Carlos A. de. **Consciência Planetária e Religião: desafios para o século XXI**. Coleção Estudos da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 2009.

SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H.I.B. Já Se Mete A Colher Em Briga De Marido E Mulher. **São Paulo Em Perspectiva**, 13(4), p. 82-91. 1999.

SAFFIOTI, H.I.B. **O poder do macho**. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANTOS, O. B. **As mulheres e a Bíblia: Um diálogo corpo-a-corpo.** In: Religião, corporeidade e direitos reprodutivos: Outras vozes dentro da fé cristã. Annablume, 2019. p. 81-104.

TATMAN, Lucy. **A dinâmica do poder na relação de violência doméstica:** desafios para o aconselhamento pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

TOMITA, Luiza E. **Corpo e Cotidiano:** a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina. 2004. 175 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2004.

VIEIRA, Zoraide Santos; RADL-PHILIPP, Rita Maria. Meu Corpo, De Quem São As Regras? Parteias Tradicionais e a Institucionalização do Parto no Brasil: Uma Questão De Gênero E Educação. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade.** v. 3, n. 9, p. 1-20, jul./set. 2022.

VIEIRA, Zoraide Santos; CRUZ, Ramon Vieira. Quebrando silêncio sobre a violência contra mulher: um relato de experiência. **Revista Cocar,** Belém, v. 16, n.34, p.1-14, 2022.

VILHENA, Valéria. **Quando a igreja não discute gênero, ela nega direitos humanos, diz evangélica feminista.** UOL, 06 jan. 2017. UOL Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/06/quando-a-igreja-naodiscute-genero-ela-nega-direitos-humanos-diz-evangelica-feminista.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VILHENA, Valéria. **Uma Igreja sem voz:** análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

WENGERT, Timothy J. Martin Luther on Spousal Abuse. In: **Lutheran Quarterly,** Vol. XXI, p. 337- 340, 2007.

## Nota

---

<sup>i</sup> Expressão referida por todas as mulheres deste estudo

## Sobre os autores

### Zoraide Santos Vieira

Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB- Brasil e Universidade Santiago de Compostela - USC- Espanha. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Coordenadora no projeto de Extensão Quebrando Silêncio: Violência Contra Mulher.

E-mail: [zoraide@uesb.edu.br](mailto:zoraide@uesb.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0797-0061>.

**Naly Silva Ladeia**

Mestre em Educação: Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores pela Associação Universidade Europeia no Brasil – UNIEUBRA; Professora Auxiliar do Curso de Pedagogia – UESB.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8715-8710>. E-mail: [nladeia@uesb.edu.br](mailto:nladeia@uesb.edu.br).

**Victor Hugo Perez Gallo**

Doctor en Ciencias Sociológicas pela Universidad de Havana, Cuba. Profesor de la Universidad Nacional de Educación a Distancia y profesor de la Universidad Internacional de la Rioja (UNIR) Espanha. Profesor Invitado (visiting scholar), Universidad de Santiago de Compostela.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1452-2531>. E-mail: [solovictorhache@gmail.com](mailto:solovictorhache@gmail.com).

Recebido em: 29/11/2022

Aceito para publicação em: 02/01/2023